Apresentação

Poucas áreas do conhecimento têm se mostrado tão mal compreendidas quanto as Relações Internacionais. As múltiplas faces de seu objeto de estudo, o número de variáveis envolvidas e a necessidade de interação contínua com outras ciências têm provocado uma grande indefinição acerca do que trata, de sua importância e real amplitude. Isso se deve, em boa medida, ao fato de ser ainda muito recente a expansão de seu objeto. A possibilidade de enquadrar os fenômenos sociais, econômicos, políticos e culturais sob o prisma internacional propriamente dito data de poucas décadas atrás. Antes disso, o escopo da disciplina era mais restrito e dizia respeito basicamente às menos numerosas relações entre agentes capazes a atuar no mundo. Uma grande quantidade de fenômenos não chegava a atingir dimensões globais.

Essa situação mudou drástica e rapidamente a partir da última revolução tecnológica que subverteu os padrões de comunicação e comprimiu tempo e espaço de modo a tornar possíveis relações humanas globais. E o que era infranacional mundializou-se. O mundo diminuiu, levando a que cada vez mais a consecução dos interesses deva respeitar uma rede mais complexa de variáveis e a responder a questões que outrora eram inconcebíveis devido à impossibilidade de tamanho cosmopolitismo.

Nesses termos, os fenômenos internacionais exigem uma forma típica de raciocinar, de conceber a realidade, pois não se referem apenas a maior número de acontecimentos, mas a formas distintas de conceber a maneira como eles se conectam e como são constituídos. Como uma Ciência Social, as Relações Internacionais recuperam pressupostos e conceitos de suas congêneres de modo a desenvolver um instrumental de análise capaz de produzir explicações originais a fenômenos enfocados sob o prisma internacional.

<i>Civitas</i>	Porto Alegre	v. 5	n. 2	jul.-dez. 2005	p. 229-232
----------------	--------------	------	------	----------------	------------

Nesta revista objetiva-se mostrar parcelas deste universo, contribuindo para o entendimento da área. Deve-se, contudo, esclarecer que o enfoque priorizado é o da Política Internacional, pelas necessidades atuais de compreender os trânsitos do poder nessa realidade tão ampliada que é o cenário internacional. Não se está ignorando as dimensões jurídicas, econômicas, antropológicas, dentre as demais, apenas concebe-se que essas dimensões podem ser observadas separadamente do fenômeno político, inseridas nele, ou a partir da perspectiva política, cuja ciência já, há alguns séculos, adquiriu autonomia.

Priorizou-se, então, tratar genericamente de quatro temas que são caros às relações internacionais e à disciplina Política Internacional: o problema das teorias; a complexidade da cultura; a questão da segurança e o universo da política externa, apresentando-se na seguinte ordem.

Inicialmente, discute-se e reflete-se sobre as duas matrizes teóricas do nascedouro da ciência Relações Internacionais, quando o fenômeno político exalava por todos os lados e pensar o mundo significava refletir sobre a política internacional. Não é a toa que relações internacionais se confundia com política internacional e fazer a ciência de uma era equivalente a fazer a ciência de outra. Em verdade, independente da defasagem dessas teorias, é com base nos conceitos produzidos por elas que se construiu todo o discurso da disciplina. Um discurso problemático que tem aparentado ser contraditório e, por isso, tem requerido grandes reflexões.

Em seguida, no segundo artigo, tenta-se trazer luz sobre essa questão, delimitando universos discursivos distintos das relações internacionais, apresentando uma reflexão sobre o estatuto científico da disciplina, percorrendo sobre conceitos-chave e questões nevrálgicas e apresentando uma interpretação do fenômeno como forma de compreender as distinções entre o fazer política e relações internacionais e o pensá-lo teoricamente. Entende-se que este é um caminho para se identificar o foco do discurso, algo que fica transparente nos artigos seguintes.

No texto de Jacques Weinberg, temos uma reflexão intensa sobre um fenômeno do campo que se tem manifestado como delimitador do universo discursivo: a questão da comunicação. Tal reflexão também se mostra de grande auxílio para a reflexão sobre a autonomia do campo de estudos, embora não seja esse o seu foco. Ao tratar dos conceitos de comunicação interna-

cional e comunicação intercultural, abre uma porta pela qual se pode pensar com clareza os fatos de conflito e cooperação, uma vez que neste universo eles podem ser vistos com solidez, além de descortinar problemas densos das relações internacionais, tais como o terrorismo, que o autor nos apresenta como um estudo de caso. Esse artigo, de certa forma, abre o salão para os três seguintes que colocamos no escopo da questão da segurança. Primeiro com o trabalho de Gunther Rudzit, que se voltou para a reflexão sobre o conceito de segurança internacional, buscando apresentar os pensamentos dos teóricos sobre o tema e definindo conceitos que nos permitem compreender passos que estão sendo dados pelos principais Estados na Política Internacional. Esse texto acaba por mostrar uma forma típica de reflexão de atores das relações internacionais que fazem política internacional quase sempre em consonância com os pressupostos da teoria realista, apresentada no primeiro artigo.

Já o trabalho de Gustavo Vieira, que também adentra no universo da segurança, traz elementos distintos embarcando num questionamento mais próximo do outro grupo teórico, o dos idealistas. Sua preocupação, ao tratar das elucubrações de Norberto Bobbio sobre a guerra e a paz, é de apresentar e refletir sobre o conceito de segurança humana e governança global, dois conceitos contemporâneos que se apresentam como revolucionários em termos de política internacional, pois tentam dar conta de seu principal problema, a guerra, e tratar de forma substantiva a paz. Esse artigo é quase que completado pelo de Dana Holahan que também nos traz subsídios para refletir sobre os problemas de segurança ao discutir um conceito chave: a teoria das fronteiras. Seu enfoque, contudo, é o conceito de fronteira militar, sobre o qual realiza um estudo de caso do Chile, mostrando os limites desse tipo de atuação em política internacional no mundo atual.

Encerrando as reflexões temos dois trabalhos que estão no escopo da Política Externa. Diríamos que são estudos que adentram a forma clássica de se fazer relações internacionais: o trabalho do estadista.

O primeiro, de Cristina Pecequillo, é uma reflexão sobre as raízes ideológicas da atual política externa americana. Seu texto apresenta subsídios para que se entendam as razões dos passos dados pelos EUA nos últimos vinte e cinco anos. Tão importante quanto isso, permite-nos que pensemos ações futuras e interpretemos comportamentos presentes, de tanta relevância para a política externa brasileira atual. Este assunto é tratado pelo artigo de Paulo

Vizentini, que se debruça sobre os passos das relações exteriores brasileiras dos dois mandatos do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso e do atual mandato do presidente Luís Inácio Lula da Silva. É um artigo que mostra para o leitor as razões e objetivos de percursos que foram seguidos e possibilita que pensemos formas de inserção do Brasil no contexto internacional.

Por fim, o texto de Ruth Chittó Gauer, *Da diferença perigosa ao perigo da igualdade*, discute, com base nos conceitos *pureza e perigo*, a pretensão da contemporânea civilização de controlar e dominar o que considera um perigo.

Com esse conjunto de artigos mostramos um fragmento do universo da política e das relações internacionais, contribuindo para que se compreenda seu campo de reflexão e sua forma de conceber a realidade. Espera-se, também, fomentar a atenção para uma área do conhecimento que existe e busca autonomia há, pelo menos, oitenta anos, e que tem recebido crescente atenção no Brasil.

Maria Izabel Mallmann
Marcelo José Ferraz Suano